

Comissão de Saúde e Meio Ambiente – COSMAM



Lourdes
Sprenger



Mônica
Leal



Aldacir
Oliboni



Cláudia
Araújo



Psicóloga
Tanise
Sabino



Ramiro
Rosário

006ª COSMAM 19MAR2024

Pauta: Operacionalização do plantio ao manejo arbóreo de Porto Alegre.

 **PRESIDENTE LOURDES SPRENGER (MDB):** Boa tarde a todos. A Ver.^a Cláudia Araújo justifica a sua ausência por questões de saúde, não está presente. De imediato, convido a compor a Mesa: Alex de Souza e Verônica Riffel, representantes da Secretaria do Meio Ambiente; Eduardo Garcez, procurador da Procuradoria-Geral do Município; Abel Flores da Silva, representante do gabinete do secretário da Secretaria Municipal de Segurança; Aldenise Ceratti Lopes, coordenadora dos parques; Alberto Flores, da EPTC; Francisco Andrezza Soares, representando Marjorie Kauffmann da Secretaria do Meio Ambiente do Estado; Cassio Rabuske da Silva, da Diretoria de Vigilância em Saúde da Secretaria Municipal de Saúde; Tiago Bernd, da Secretaria Municipal de Serviços Urbanos – SMSUrb.

Passo a palavra, de imediato, aos vereadores. Antes, vou falar que a nossa proposta desta reunião ordinária é justamente para esclarecer a população. Inicialmente, o que foi mais cobrado aqui da Câmara foi a questão do temporal, as pessoas não tinham noção da quantidade de árvores que caíram na cidade, como ocorre o remanejamento. Houve muita desinformação porque a cidade é

muito grande, não chegamos a todas as pessoas, embora a imprensa, os *sites* da Prefeitura tenham esclarecido. E também, desses questionamentos, veio as dúvidas: quem cuida das árvores das vias, calçadas? E quem cuida das árvores no seu pátio, como proceder? Então é uma reunião quase que operacional para resumidamente – não podemos entrar numa rotina tão detalhada – dar esses esclarecimentos para a população. Eu mesma desconhecia todas essas rotinas, a SMAMUS tem uma rotina, os serviços urbanos têm outra, os parques têm outra, então é uma reunião informativa.

O Ver. Aldacir Oliboni está com a palavra.

VEREADOR ALDACIR OLIBONI (PT): Saúdo a nobre presidenta da nossa comissão, Ver.^a Lourdes Sprenger; Ver.^a Tanise, Ver. Ramiro, todos nossos convidados desta manhã. Queria parabenizar a Ver.^a Lourdes por trazer esse tema. Esse tema é de extrema importância à medida em que a gente percebeu, após o vendaval, esse desencontro, e me parece que, em algumas situações, demonstra que as secretarias não conversam entre si. E a gente viu também manifestação do próprio prefeito, quando ele disse que nem ele conseguiu falar com a CEEE Equatorial, e a cidade ficou meio que em descoberto, com a assistência de não só recolhimento dos entulhos, dos galhos, enfim, porque a cidade ficou um caos. Diante dessa situação tão delicada, vamos pensar que aconteça novamente, nós vamos ficar em descoberto mais de 30 dias? Por que que o DMLU tinha que recolher os galhos? Ou por que a SMSUrb tinha que operacionalizar, por exemplo, as podas? Quem é que faz as podas? Quem é que está fazendo essa adequação com relação aos fios, por onde passa a rede da CEEE? A CEEE, na CPI que está instalada, disse que não é sua atribuição, disse que é do poder público. O poder público diz que é da CEEE. Afinal de contas, o poder público municipal, independente de quem quer que esteja, acabou fazendo esse acordo para poder nós tentar interagirmos, dizer que, de fato, o governo está fazendo a sua parte? E me parece claro e preciso que hoje há uma certa indignação da sociedade pela demora em tentar solucionar o caso, não só a questão da falta de água, falta de luz, mas principalmente o caos que se

instalou na nossa querida Porto Alegre. Então é importante, sim, aqui nós ouvirmos os órgãos municipais para que eles possam dizer como estão vendo essa situação tão delicada por que passamos.

PRESIDENTE LOURDES SPRENGER (MDB): Vereador Ramiro.

VEREADOR RAMIRO ROSÁRIO (NOVO): Bom dia a todos. Primeiro, quero dizer que o porto-alegrense tem muito orgulho da arborização da sua cidade. Nós sempre fomos considerados uma cidade extremamente arborizada; agora, ter muitas árvores também traz muita dor de cabeça, porque é fato que nem toda árvore serve para ser plantada numa cidade e nem toda calçada serve para ter árvore. Nós temos exemplos mil, por todo o planeta, de cidades extremamente desenvolvidas, com altíssimos índices de qualidade de vida, onde nós temos uma concentração arbórea nos parques e praças, e as vias onde nós temos conflito com edificações, com canalização, com fiação, não são áreas apropriadas para ter árvore. Esse é um ponto fundamental, de pensar a cidade não apenas no curto prazo, mas, sim, no médio e longo prazo. Outro problema que nós enfrentamos na cidade também é que quando cai a árvore, ou quando nós temos um evento, como os últimos temporais, aí se tem um grito, aí o pessoal lembra que é preciso fazer a manutenção e as podas das árvores; mas quando elas são feitas, tem um outro grito acusando as gestões e as equipes de podas de fazerem políticas assassinas de árvores, acusando os gestores de arboricídio. O próprio vereador Oliboni, do PT, aqui do meu lado, já subiu na tribuna uma vez, com relação ao Parque Harmonia, aqui dizendo que se estavam retirando árvores centenárias do Parque Harmonia. Centenárias? O Parque Harmonia é área de aterro; não tem nem 40, 50 anos. Então, esse tipo de discurso que, muitas vezes, alguns grupos políticos da cidade fazem como se estivessem protegendo o meio ambiente, mas na verdade estão trazendo mais problemas para a cidade, não pode prosperar; e nós temos que pontuar isso e colocar isso aqui com muita transparência. Outro ponto: agora fica a questão da Equatorial, jogam tudo para a Equatorial, “A Equatorial não fez isso, a Equatorial

não fez aquilo”, mas a CEEE estatal é uma das principais responsáveis pelo enfraquecimento das árvores na cidade. Nós tivemos, ao longo de décadas, os técnicos da Prefeitura aqui podem puxar minha orelha se estiver errado, as árvores sendo podadas em “v”, as famosas podadas em “v”, que, para a liberação da fiação aérea, acabavam tirando a parte central das copas das árvores, as árvores ficavam para um lado e para o outro, e isso fazia com que elas perdessem a sustentação, adoecessem, morressem e caíssem. Então, a CEEE estatal é uma das principais responsáveis pelo empobrecimento, pela má qualidade das árvores na cidade de Porto Alegre nas nossas ruas e nas nossas vias. E isso também tem que ser pontuado. Não venham agora querer acusar a CEEE Equatorial, que está com sérios problemas sem sombra de dúvidas, presta um serviço que é uma porcaria, porém, nessa questão de podas de árvores, a grande responsável, ao longo de décadas, por retirar a qualidade e a saúde das árvores na cidade foi a CEEE estatal. O que me incomoda muito, que eu vejo que até agora nós não conseguimos avançar, é no mais básico, Presidente Lourdes, que é a retirada dos galhos nas ruas. Neste momento, não tem que dizer, nem a gestão municipal, que quem tem que tirar os galhos das ruas é a CEEE Equatorial, e nem a CEEE Equatorial dizer que quem tem que retirar é a gestão municipal. É preciso ter aqui uma coordenação integrada. Eu me lembro que foi anunciado, com muita felicidade, logo nos dias posteriores ao temporal, que o exército iria ajudar a recolher os galhos nas ruas. Pois bem, cadê o exército? Eu, particularmente, não vi nenhum caminhão do exército com jovens do exército recolhendo os galhos, colocando dentro de caminhões e retirando pela cidade. Parece-me que foram apenas dez equipes e durante uma semana. Isso, obviamente, se demonstrou completamente insuficiente. Nós precisamos, sim, que tanto a gestão municipal quanto a CEEE Equatorial, neste momento, parem de dizer e apontar o dedo um para o outro, dizendo que a responsabilidade é do outro, se unam e busquem soluções alternativas capazes de resolver o problema lá na ponta. Porque para o cidadão, para o pagador de imposto não importa se é CEEE Equatorial, se é Prefeitura Municipal, se é o Exército Brasileiro, se é qualquer outro agente que entre para ajudar a cidade

neste momento e faça o recolhimento dos galhos. É isso. Nós temos diversos bairros da cidade, diversas áreas que até hoje nós recebemos nos nossos gabinetes aqui, todo santo dia, alguém pedindo: “Ramiro, não teve ainda o recolhimento dos galhos aqui na frente.” Muitas pessoas acabaram, Lourdes, quem tem condições, pagando um telentulho, pagando uma equipe, alguém para ir lá recolher esses galhos. E quem não tem condições, faz o quê? É hora de união e de gestão entre Prefeitura Municipal, CEEE Equatorial, Exército Brasileiro, ou seja lá quem for, que a capacidade de gestão desses consiga fazer a mobilização de colocar o bloco na rua e, efetivamente, recolher os galhos. Porque é óbvio que nós não vamos ter condições que as equipes de poda da Prefeitura, sozinhas, façam isso. É óbvio que não tem condições de fazer com que o DMLU faça isso também; até mesmo porque tem outras operações em andamento já. Existe limitação para os aditivos contratuais, que é de 25%. Bom, vamos contratar emergencial? Tem condições de contratações emergenciais? Já foram feitas? Não foram feitas? Se já foram feitas, foram insuficientes. Porque nós precisamos é limpar a cidade neste momento. Tanto se fala de dengue, tem agentes da saúde aqui, esses focos com galhos, a bem da verdade, agravam a situação da dengue na cidade. Porque existem já estudos de muitos anos que demonstram que, quando tu tens uma calça, por exemplo, um foco de lixo, ele inicia com a colocação de calça ou de materiais de grande volume, porque a população passa por ali, olha e diz: “Bom, alguém aqui vai passar e recolher”. Então, a pessoa que não tem maior consciência cidadã, acaba colocando lá o seu lixo doméstico, acaba colocando lá o resto da obra da sua casa. E isso vai agravando a situação. É óbvio que nós temos criadouros do mosquito da dengue dentro desses focos de lixo originados através dos galhos do temporal. Então, não é uma questão apenas de asseio, não é uma questão apenas de zeladoria, não é uma questão apenas de meio ambiente, mas sim de saúde pública, e é preciso, neste momento, ter união para resolver esse problema.

PRESIDENTE LOURDES SPRENGER (MDB): Ver. Oliboni.

VEREADOR ALDACIR OLIBONI (PT): Nós temos como pauta na reunião de hoje, proposta pela nobre Ver.^a Lourdes, a operacionalização do plantio e manejo de árvore. O Ramiro mostra claramente para nós que ele, quando defende o capital, defende também as privatizações, as terceirizações, as concessões. Para ele, não é muito diferente destruir ou arrancar quase todas as árvores do Harmonia. Nós percebemos o que a imprensa pautou e o que o Ministério Público condicionou para continuar o projeto de lei fora da revitalização daquele espaço. Aí tenta confundir, dizendo que, em tese, ele é a favor do desenvolvimento, independentemente se tem que arrancar uma árvore ou não. Nós defendemos, sim, a natureza; nós defendemos o meio ambiente e, por isso, tem que ter um controle sobre isso. Privatizar os espaços públicos, cá para nós! Privatizar o serviço público, cá para nós! Olha o que aconteceu com a CEEE Equatorial! Olha o que aconteceu com a Carris! E aí tem esse discurso da extrema direita e de quem defende o serviço público, que é a esquerda. Então, não dá para tentar polemizar numa reunião onde nós queremos saber o que o atual governo está fazendo em caso de uma catástrofe? Esse é o assunto. Por que a população tem que ficar sempre aquém de um serviço público que não acontece? É por falta de servidor? É por falta de técnicos? É por falta de operacionalização? Afinal de contas, nós aprovamos aqui inúmeros projetos de aumento de servidores. No DMLU, na Defesa Civil, em várias secretarias, e a vida, lá na ponta, não foi a contento; o serviço público não foi a contento da população. Tanto é que, em todos os lugares que vamos, reclamam. Essa é a dura realidade.

PRESIDENTE LOURDES SPRENGER (MDB): Muito bem, vereadores. Quero citar ainda a presença da Márcia Orantas, do DMLU. Faça do seu assento a extensão da Mesa; também do assessor parlamentar da Secretaria da Fazenda Marcos Fernandes. De imediato, por questões de agenda, eu vou passar a palavra ao Alex Pereira de Souza para fazer sua explanação sobre o que convocamos, para o Alex fazer essa exposição da SMAMUS sobre a proposta

desta reunião. Então, começando por ele, a rotina, como se faz, porque quem vai fazer essa explanação sobre os recolhimentos é a outra secretaria.

SR. ALEX PEREIRA DE SOUZA: Bom dia a todos, meu nome é Alex Souza, sou diretor de áreas verdes na Secretaria do Meio Ambiente e estou aqui acompanhado da Verônica. Depois eu divido a minha fala com a Verônica para explicar o nosso atual planejamento do plantio que a gente tem para fazer na cidade. Aproveito a oportunidade para poder esclarecer um pouco, a gente viu nesse contexto todo bastante dúvidas das pessoas, das responsabilidades, das atribuições, como cada um vem trabalhando. A gente diz que a arborização urbana tem dois ciclos: o ciclo jovem, que é aquele ciclo inicial, que vai desde a produção da muda até a implantação dela e os cuidados pós-plantio, que seriam os primeiros anos de pega dessa espécie. Depois a gente tem o ciclo adulto, que é o ciclo de manejo, e é o ciclo que hoje está com a Secretaria de Serviços Urbanos. Então, a gente tem esses papéis bem definidos: a implantação da arborização, que acontece pela Secretaria do Meio Ambiente, e do manejo da arborização, que acontece, desde 2019, através de uma licença que foi emitida pela secretaria para os serviços urbanos poderem proceder o manejo.

Hoje, na cidade, temos de fato uma arborização bastante antiga, muitas vezes problemática, em conflito com as redes de infraestrutura e tudo que representa o meio urbano. E a gente está buscando escrever um futuro melhor para as árvores, porque hoje muito plantio espontâneo inadequado acaba fazendo com que, em momentos adversos, como o temporal que a gente teve recentemente, muitas acabem não resistindo, porque não é a árvore certa para o lugar certo. Então, dentro do nosso planejamento atual, o que a gente vem trabalhando dentro da secretaria é sempre escolher a árvore certa para o lugar certo, compatibilizando-a com as redes de infraestrutura que existem, seja boca de lobo, seja conflito com rede aérea elétrica. Todo o tipo de relação que tem no meio ambiente onde ela vai ser implantada e inserida, a gente faz essa análise. A gente vem trabalhando dentro desse planejamento. Hoje, dentro da secretaria, a gente tem uma coordenação de arborização urbana, que a Verônica coordena,

dentro dessa coordenação de arborização, nós temos a equipe de planejamento e implantação da arborização. Essa equipe, quando o pessoal pede pelo 156, por exemplo, o plantio na frente da casa dele, ou que entre via portal de licenciamento, tem condições de analisar o espaço que ele está e verificar, por exemplo, numa região da cidade que tem um lençol freático muito elevado, a gente não pode ter uma raiz muito profunda. Então, se identifica que as espécies mais adequadas para aquele local devem ser determinadas espécies, para justamente evitar esses problemas que temos hoje de muito plantio espontâneo e uma arborização antiga, um grande número de vegetais em declínio, e que a gente está se preparando para poder recompor, implantar. Dentro dessa gestão de agora, tivemos um investimento expressivo na casa dos R\$ 2,8 milhões, que foi feito para a recuperação de todo o viveiro municipal. Recuperamos o viveiro municipal, porque muitas vezes os viveiristas comerciais que atendem a região não têm interesse em produzir uma muda que, para nós, é interessante. Interessante porque vai se portar bem no meio ambiente urbano, vai resistir melhor, vai ter menos erva de passarinho, vai estar mais adequada para onde está sendo implantada, mas às vezes é uma muda que vai levar oito anos para ficar pronta. Um viveiro comercial não vai suportar esse tempo todo. Então, a gente faz essa produção através do fundo do meio ambiente, que a gente tem na Secretaria. A gente consegue contratar uma empresa que está hoje trabalhando para nós, dentro dos critérios que os técnicos da Prefeitura vão identificando de quais espécies sejam mais adequadas e estamos trabalhando no viveiro nesse sentido. Paralelo a isso, a gente também teve uma contratação de um software, que é um software para fazer a gestão da arborização. Na verdade, ele auxilia o técnico a fazer a gestão, porque ele tem georreferenciado. A gente consegue fazer vistorias nos locais, identificar o estado fitossanitário e depois até poder indicar para a Secretaria de Serviços Urbanos os manejos que vão sendo necessários. A gente centrou forças, no ano passado, em fazer o diagnóstico das árvores que a gente tem no 4º Distrito e também no Centro Histórico. A nossa ideia é poder ir evoluindo com esse inventário da arborização de bairro a bairro, se não completamente de todas as árvores daquele bairro, um

número que dê uma amostra significativa para a gente entender como se porta a arborização. Também a gente está com um contrato terceirizado, a gente já vem trabalhando nessa experiência nos anos anteriores, agora nós temos uma nova empresa, justamente para poder fazer a implantação dessas arborizações, e não só plantar. Existia uma demanda muito grande de plantar muda e depois ninguém cuidava, tutorava, regava, adubava. Ela nascia enfraquecida, depois vem, se estrutura ali, não na melhor condição, nem no melhor local, nem na melhor espécie. Vem um vento, acaba derrubando e ficamos todos consternados. Então, queremos mudar esse cenário para que a arborização do futuro seja bem planejada e bem implantada, com uma pega bem estabelecida para minimizar esse problema no futuro. Vou passar para a Verônica, pois ela me complementa com os dados. Ela está trabalhando lá no viveiro e vai começar a emitir ordens de início para poder fazer esse plantio com a empresa terceirizada.

PRESIDENTE LOURDES SPRENGER (MDB): Com a palavra, a Sra. Verônica Riffel.

SRA. VERÔNICA RIFFEL: Bom dia. Hoje, na SMAMUS, estamos trabalhando com qualidade, não é mais quantidade de árvores e sim qualidade. Então, hoje a gente fala em implantar, não fala só plantar, porque o plantar é simplesmente colocar uma muda num buraco; o implantar tem todo esse olhar, abertura de canteiros, melhoria do solo – hoje temos um solo muito pobre – e a seleção dessa espécie. Então, hoje a gente fala em implantação de mudas arbóreas, ela é muito mais complexa, muito mais cara, mas lá no futuro a gente vai ter um resultado muito melhor. A qualidade ao invés da quantidade para a gente no futuro não ter tantos conflitos. O manejo da vegetação adulta é muito mais caro do que um manejo de uma árvore numa muda, então, investir nesse ciclo inicial é muito mais barato e no futuro a gente vai ter menos podas drásticas, menos quedas de árvores. A questão do canteiro, é um valor significativo; no entanto, é o que dá sustentação para esse vegetal, é o que proporciona oxigenação e infiltração

de água. Muita árvore grande tombou, fomos ver e o canteiro era subdimensionado. Isso acabou resultando também na queda dessa vegetação, além da falta de espaço, enfim, uma árvore mal planejada no passado. Hoje, a gente não quer fazer mais esses erros. Muitas pessoas vão fazer o seu pedido e, quem sabe, vão ter o seu pedido negado em função daquela avaliação técnica achar que naquele local não se deve mais ter uma árvore. Mas naquele bairro, naquela rua, a gente vai tentar fazer essa compensação, digamos assim. Então, hoje, com o contrato, a gente está emitindo a ordem de início. A empresa vem do Paraná, foi a vencedora, a Ecsam, e a gente torce para que ela consiga nos apresentar um trabalho de qualidade, que a gente consiga ficar por cinco anos com essa empresa, para a gente dar uma continuidade nos plantios e ter um resultado. Temos vários pontos que pretendemos atacar: o temporal, que não estava contemplado no planejamento, mas ele entra agora; os bairros menos arborizados; os plantios para as pessoas que pedem através do 156, pontual na frente da sua casa; as avenidas estruturantes, que a gente precisa também qualificar esses espaços de muito asfalto. Temos que melhorar esse microclima, então é a arborização fazendo esse papel. A gente também tem que melhorar esse microclima, com arborização fazendo esse papel. A gente também tem os bairros em que a vegetação está muito velha, e ela está senescendo, então a SMSUrb precisa suprimir em função do risco. Então a gente precisa voltar lá para entender o que foi suprimido, o que pode voltar... A gente não planta em toco, até para a população ficar ciente, tecnicamente não se planta em toco, porque se plantar em toco, a gente está criando uma árvore em vaso e aí ela vai cair no primeiro temporal. Assim, a pessoa pensa que cortou a árvore e ali eu vou plantar de novo; não vou, a gente vai ver se paralelo, ali perto, naquele lote, a gente consegue, mas naquele toco tem que desbastar, fechar o canteiro, e ali a gente não planta por muitos anos, até se degradar aquela raiz.

Então, são questões técnicas que a gente foi avançando, foi avaliando e agora entra mais uma frente de plantio, que é onde o temporal acabou derrubando muitas árvores. A gente está levantando com a Secretaria de Serviços Urbanos esses locais que sofreram supressão em função da senescência também, a

gente está em contato com a SMSUrb para que a gente ataque esses bairros prioritários. Hoje o planejamento é muito consciente dessas questões técnicas, a gente não pode cometer os mesmos... não vou chamar de erros, porque, na verdade, são evoluções do conhecimento que a gente vai vendo, os técnicos sempre tentando acertar, mas hoje a gente tem uma outra realidade. A gente tem uma cidade com muitos elementos urbanos, a árvore concorre com muita coisa, marquise, boca de lobo, equipamentos que antigamente não tinham fiação, rebaixos de meio-fio.... Então, hoje, para gente colocar uma árvore, a gente carece muito de espaço.

Então a cidade consolidada é um desafio. Os nossos túneis verdes, a gente também tem um desafio de verificar como mantê-los, porque eles também têm um tempo de vida. Como é que a gente vai fazer para recuperar? Muito provavelmente, alguns não têm mais... a gente não tem espaço para ter de volta aquela ambiência, então, a gente tem um desafio muito grande, mas a gente tem consciência dessas coisas e a gente quer tentar fazer que, no futuro, só se veja arborização de forma positiva e não mais de forma negativa, que a gente enxergue todos os benefícios da arborização. Hoje a gente fica nesse, “Ah, foi a árvore que caiu e tirou a energia da minha casa.” A gente fica quase achando ela uma vilã e ela não é, mas, em função desses conflitos, a gente precisa virar esse jogo. Então a ideia é em entender o papel da arborização e o papel dos outros elementos, porque a gente vive numa cidade e entender essa dinâmica. E isso a arborização hoje ela tem muito consciente, a gente não olha só para árvore, tanto é que eu sou arquiteta e urbanista, então hoje a equipe é multidisciplinar, tem esse olhar do urbanista, do biólogo, do agrônomo, para entender essa cidade que a gente tem hoje em Porto Alegre e, no futuro, a gente retomar o nosso papel de destaque. Portanto, esse é o nosso objetivo hoje, lá na coordenação.

PRESIDENTE LOURDES SPRENGER (MDB): Como a Secretária dos Serviços Urbanos, ela é transversal com vocês. Eu vou passar a palavra para a engenheira agrônoma, nome Aldenise Ceratti Lopes, ela é coordenadora

também da unidade de parques, como funciona, tudo em função da arborização, que é a proposta da nossa reunião.

SRA. ALDENISE CERATTI LOPES: Eu acho que o foco, já tivemos outras em 2016, a aquela grande catástrofe que aconteceu nos parques, principalmente na Redenção e no Marinha, neste novo temporal, e que são previsíveis nesta época do ano e terão outros. Eu acho que todo o diálogo é válido para que a gente construa um programa, até de governo, para que a gente tenha condições de atendimento, independentemente de ser terceirizado ou não, o atendimento tem que ser feito. Desta vez, agora, dia 16 de janeiro, caíram e foram danificadas mais de 500 árvores em todos os parques. Aquele de 2016 afetou mais principalmente a Redenção e o Marinha. Infelizmente na Redenção, novamente, foi pior, teve mais queda de árvores, e ali é uma questão, também, nos parques antigos, onde as árvores não estão mais dentro de um planejamento. As que caíram agora em janeiro e outras que, mesmo após o temporal, caíram justamente pela falta de fixação no solo, das condições das espécies inadequadas, que caíram principalmente as mais pesadas, eucaliptos e tipo Ana, assim, inteiras. Então, acredito que esse diálogo, inclusive entre as secretarias, é necessário para que a gente se prepare, porque ainda virão outros temporais, e como fazer uma renovação, um projeto para cada parque. porque existe um realmente um entendimento das pessoas que, no intuito de querer preservar e tal, vem com a ideia de levanta árvore, replanta exatamente ali onde caiu. Realmente, tecnicamente, isso não é viável, tanto em via pública, quanto nos parques, praças também – eu vou falar especialmente nos parques, porque a queda das árvores ali é uma concentração. A nossa preocupação de segurança é relativa ao alvo que ela atinge. Desde a pandemia, que houve uma diminuição do pessoal nas ruas, porque o trabalho ficou remoto e tal, mas nos parques o público aumentou em vez de diminuir. Então a atenção em relação à arborização dos parques, que têm maior circulação, sim, de pessoas, é importante estar sempre na pauta. Houve, sim, uma falta de equipes, nós estamos num momento de transição, há poucos anos éramos da antiga SMAM, SMAMUS – os parques

passaram para a Secretaria de Serviços Urbanos em 2020. Então, até estruturar, e num período de transição, de terceirização das equipes – a gente trabalha principalmente com mão de obra de apenados –, necessita de um acompanhamento. Não são pessoas experientes, nem têm especialização nessa área, tanto de podas como de manutenção. Estamos fazendo, como Secretaria de Serviços Urbanos, contratos, inclusive, para manutenção dos parques, em especial pela característica um tanto diferenciada das vias públicas, embora a vegetação responda pelos mesmos problemas, mas por ter essa necessidade de agora atualizar o que nesse momento a gente se encontra. Acredito que estamos no caminho, mas tem um longo caminho pela frente.

PRESIDENTE LOURDES SPRENGER (MDB): Dependendo do tempo.

SRA. ALDENISE CERATTI LOPES: É, e devemos estar preparados, porque sempre essa época do ano, eu estava discutindo até com meu colega, vão ter temporais, pela nossa localização geográfica, agravado agora pelas mudanças do clima, e é quando as árvores que já floresceram, já cresceram na primavera, e no verão estão no auge do tamanho. Então, por isso acontecem essas quedas de árvores mais pesadas nos lugares inadequados, solo inadequado, e deve ser tratado, eu acho que sempre, no aspecto técnico e ter sempre um diálogo. Justamente na Redenção, é de conhecimento de todos, existem grupos realmente preocupados com a questão ambiental e preservação de todos parques, mas a Redenção é principal, e eu acho que essa divulgação, esse diálogo com a comunidade é essencial para que a gente construa, porque as pessoas também participam. Além de serem usuárias, elas devem entender como deve ser a recuperação, como deve ser o manejo, para que não fiquem ideias equivocadas, inclusive, que colaborem, como vieram algumas propostas de plantio, e a gente faça uma interlocução para que aconteça tudo em prol de todos. Seria essa a parte dos parques, tem a das vias públicas, que é com o meu colega.

PRESIDENTE LOURDES SPRENGER (MDB): Sim. Então vamos fechando com a SMSUrb, eu prefiro dizer Secretaria de Serviços Urbanos, com o Tiago Bernd, coordenador da unidade de podas e remoção. Realmente temos muitos questionamentos, e nós também não temos como saber toda a operacionalização, a quantidade de árvores caídas, pequenas, grandes. Eu acompanhei a remoção de uma árvore que precisou de dois caminhões, ida e volta. As pessoas só sabem cobrar: “Tira daqui.” Mas às vezes, para fazer uma limpeza tão rápida, quantos caminhões seriam necessário? Porque foi demais. Eu não andei uma rua, no período que a gente transita, que eu não encontrei um amontoado de galhos de árvores maiores, médias e grandes. Tiago, essa é uma reunião esclarecedora, orientativa, porque ela está sendo televisionada também, para a população tomar mais conhecimento dessa operacionalização.

SR. TIAGO BERND: Eu sou o engenheiro Tiago Bernd, funcionário da Secretaria de Serviços Urbanos, coordenador da unidade de podas e remoções vegetais, egresso da Secretaria do Meio Ambiente, na gestão do Ramiro, quando se decidiu pela nova forma de ataque aos problemas, transversal, dos quais concordamos. Eu tenho dois pontos iniciais para falar, primeiro: a Equatorial não recolheu nada do temporal, ela simplesmente atendeu os problemas em parte, junto da rede de energia. O recolhimento total das intervenções que eles tiveram, e os nossos, foram somente nós que fomos recolhendo: DMLU, Exército e Secretaria Municipal de Serviços Urbanos – SMSUrb, ou seja, dos três contratos que nós temos hoje de terceirização de serviço de podas, agora a programação começou a ser retomada de novo, além de 14 equipes emergenciais que a gente teve durante um período, oito equipes durante 21 dias e mais, num segundo momento, outras seis equipes. E a gente ainda tem recolhido todos os dias. Dois pontos técnicos e fundamentais neste temporal, parecidos, em parte, com o temporal de 2016, pela época e pela densidade das copas pesadas dos vegetais, que foi o foco principal, a razão da queda das árvores. Em janeiro temos a alta densidade das copas, é o período máximo do pico de rebrote, elas se tornam alvos fáceis de qualquer intempérie de encharcamento de solo ou afrouxamento

de solo por causa da umidade da chuva, e um vento direcionado no alto da copa, ocasiona a queda integral do vegetal. Estes últimos casos agora desse 16 de janeiro, digamos que três quartos dos casos de quedas vegetais foram vegetais de grande porte, diferente de 2016 que foram vegetais quebrados. O Parque Marinha do Brasil, em 2016, absorveu grande parte do impacto do força do tornado, que veio ali do meio do lago Guaíba, que arrefeceu; mesmo assim, os bairros Azenha, Centro e Menino Deus, até o final da Azenha, Petrópolis e Partenon tiveram estragos. Esse aqui teve mais espalhado, lá foi mais localizado na região central. E o que a gente observou? Que o vegetal caiu porque era grande, ser grande é natural da sua espécie, então essa espécie não tem a culpa de estar ali, ela foi plantada, mas a cidade não deixou a raiz dela crescer. Então, a gente tem um ponto agora de inflexão que é a decisão do que fazer com as árvores grandes? Podar, não podar, ter a interferência, prevenir com remoções. A gente está tendo agora... Uma das coisas positivas do temporal com a Equatorial foi a delimitação de linhas de transmissão para as casas de bombas do DMAE, e as redes que levam a hospitais e postos de saúde, para que, nestas redes, a gente tenha um trabalho de prevenção anterior aos temporais agora. Um dos fatores é a árvore grande; a árvore que caiu foi boa, é boa, sua sanidade não era comprometida; ao contrário, as árvores boas e pesadas caíram simplesmente por serem boas e pesadas, sem raiz – isso é um fato que Porto Alegre tem que discutir. Fala-se muito das podas, junto da rede; não quebraram as árvores das podas; as que caíram foram as árvores pesadas, não podadas, próximas da rede, do outro lado da rua, porque elas não eram (Ininteligível.) Uma árvore de 20 metros cai 10 metros para cá, mais 20 metros na casa do cara lá. Então, o resíduo nunca foi... O maior resíduo, por árvore, de queda na história do temporal foi esse; então, um caminhão rapidamente é cheio; das 3 mil que a gente teve até agora, de árvores na rua, fora galhos, amontoado de galhos e galhos do pátio que vai para rua também, agora começou a ter isso aí, muita coisa do foco de lixo privado, junto com o público, não recolhido ainda, o maior volume da história, visto, em carregamento de temporal, foi este. Isso é um fator de preocupação, porque ele tem a demora para se recolher aquele foco

específico, demora praticamente um dia para carregar, um dia para descarregar, para ao caminhão voltar para o outro local do lado. E aí em um dia tu resolveste um problema só. Então, três questões aqui. Primeira, a Equatorial não carregou nada no temporal; ela simplesmente ajudou, no segundo momento, as partes das árvores que estavam junto na rede. O carregamento total ficou a cargo da Secretaria Municipal de Serviços Urbanos, e os seus contratos emergenciais, seus contratos ordinários e o apoio lá no começo, do Exército, que teve. Eu acho que de fato foi isso aí mesmo que tu falaste, Ramiro, foram poucos dias... (Ininteligível.) ...na Zona Sul teve um bom impacto isso aí; na região central poucos vieram, mas o Exército carregou só a mão de obra, sem a motosserra, e onde o galho pega ou o braço carrega o galho. Nós temos, nesse temporal agora, o resquício do tronco pesado. O tronco pesado, somente um caminhão específico para carregar, não é só o caminhão estar disponível, com dez pessoas para carregar, dez pessoas não carregam, precisa de um guincho, um caminhão guincho Munck; então, isso aí, o dia a dia nosso, junto com o DMLU, mostrou que os equipamentos já são diferentes, a necessidade de alocação dos resíduos é diferente. Nós temos o problema do torrão rebentado, que é aquela parte do solo rebentado com a calçada, com a raiz, com o cepo todo – isso era pouco por temporal; agora temos... Vai ser o terceiro tempo do temporal vai ser fazer o que com esse raizama toda que está na cidade? Ela, em parte, está ainda enraizada, não arranca, precisa retroescavadeira, que nem sempre levanta ela com a força. Ela é mais pesada que a retroescavadeira, e dois cepos daqueles ocupam uma caçamba de caminhão. Então, rapidamente a gente tem a percepção de que um temporal com essa quantidade de resíduos, por causa do porte dos vegetais caídos, não é em pouco tempo que a gente consegue resolver, não é a falta de gente que foi, foi simplesmente a demora por ponto de recolhimento, e ela é fruto do alto volume de resíduos gerados por queda pontual de vegetal. Então é esta a notícia boa que eu trago aí, que essa vistoria prévia nas linhas de transmissão que foi fruto depois daquela pressão toda com a CEEE, isso já começou a tratativa, então a nossa expectativa é que pelo menos

as linhas importantes de risco, postos de saúde, hospitais e casas de bomba, não sejam factíveis de risco por queda de vegetal.

De resto, eu queria dizer que esse temporal foi marcado principalmente por esta característica da árvore de grande porte caída em função da sua baixa área de sustentação radicular e o alto volume gerado por árvore caída. É isto aí; seguimos no recolhimento, estamos no finalmente.

Eu tenho tido dificuldade de dar por encerrado o temporal, porque seguiram novas quedas de árvores, sem temporal, e que se misturou com o temporal. A gente tem recolhido inclusive coisas que não é nem de temporal e nem de árvore caída, e é porque o atraso do recolhimento acaba gerando o foco do galho seco do pátio na rua, aumentando o nosso foco na demanda de recolhimento. Isso daí já é considerável em Porto Alegre hoje nesse momento.

Então não é só o atraso pelo temporal que está tendo, está tendo muita coisa privada dos pátios que estão aproveitando e botando na rua. Eu não sei dimensionar exatamente a quantidade, porque isso não é mensurado, mas visivelmente ele é hoje o agravante deste foco de carregamento. O que acontece, em alguns casos? Chega uma turma que tem 10 pessoas, o exército chegou lá e carregou só o galho leve, ficou o tronco pesado, aquele tronco ficou, o recolhimento não foi resolvido totalmente. Requer outra turma lá. Aí chega a reclamação que não terminou de recolher. Esta é a dificuldade. A gente tem sofrido, porque nem todas as turmas têm os mesmos equipamentos, as mesmas capacidades operacionais, e, com esses contratos emergenciais que a gente fez, que terminaram agora, para terem uma ideia, mais ou menos, a despesa com esses contratos emergenciais foram praticamente um contrato anual; então, em 45 dias, foi um quarto contrato, que não é pouca coisa, e a nossa programação de podas teve esse lapso aí de 40, 45 dias de atraso estimado já e concreto que teremos, do temporal, fruto deste dia 16 de janeiro, e já temos novas quedas de árvores. Nesta época caem árvores, porque as árvores são grandes, sadias e com pouca raiz, e tem sido cada vez mais o índice de queda deste porte, desta característica. Tem as árvores pequenas, que um carro passa por cima, tem um corte de raiz ali por causa do DMAE, da obra, e elas caem aos poucos, é uma

coisa muito diferente de uma árvore só que naturalmente ela não tem raiz, porque não tem o espaço suficiente para ela ali naquela calada, mesmo que não tenha o corte da raiz, e ela cai por que ela tem 100 anos de idade e a copa dela não se sustenta mais pela raiz incipiente, e este é o caso de Porto Alegre hoje. Então não é pouco caminhão para a gente recolher esta árvore, não é qualquer batalhão de quartel que consegue levantar a árvore também. Então esse é o fato. Eu acho que agora a gente já está no finalmente, e eu pretendo tratar do dos torrões de terra levantados com a raiz, porque isso aí é uma coisa que hoje em dia é um problema em Porto Alegre, e cada vez mais teremos. O rescaldo do temporal será esse resíduo ainda não recolhido.

PRESIDENTE LOURDES SPRENGER (MDB): O DMLU também está presente, a engenheira Márcia Orantas, que também tem essa transversalidade. A gente, como usuário, telefona para onde? Para a SMAMUS? Para o DMLU? Como o DMLU atuou? Foi só na limpeza ou ele também trabalhou em conjunto com a secretaria diante desses fatos? Porque é real o que o engenheiro falou, e que a gente presenciou. Eu tenho uma árvore que já está pedido o estudo, ela deitou e vai acontecer, ela vai levar toda uma rede do condomínio e mais a destruição, porque, pela altura, ela não vai cair na rua, ela vai para cima do condomínio. É um caso muito sério. É uma árvore linda, para nós que gostamos das árvores, mas é o problema na raiz, se observa que ela está num estrangulamento ali, e ela foi deitando, deitando; daqui a alguns dias ela cai.

DMLU, para alguma manifestação?

SRA. MÁRCIA ORANTAS: Eu sou representante do DMLU, da divisão de destino final, é na unidade de compostagem da Lomba do Pinheiro que nós recebemos todos os resíduos, ou pelo menos quase todos oriundos do temporal, e é exatamente isso que o que o engenheiro Tiago disse, são árvores inteiras, troncos inteiros. O último recebido, mais marcante, era um tronco que tinha toda a medida do comprimento do caminhão inteiro, e num outro caminhão duas ou três raízes. Então, é um material muito volumoso que se observa que ele tombou

inteiro, e a equipe, dentro da sua possibilidade, tentou fracionar aquilo, tirar os galhos menores, mas o tronco chega inteiro. Embora nós sejamos uma unidade de compostagem e tentamos receber esse resíduo que, na teoria, poderia ser compostado, com esse calibre, não é possível. Nós não temos equipamento para isso. Nós temos um picador de galhos que tem um limite de diâmetro de 20 centímetros, que é galharia. Isso é galharia. Então, esses troncos e essas raízes vão ficar armazenados. Há dois anos, nós nos livramos, nós terminamos de dispor dos resíduos do temporal de 2016 e, agora, estamos inaugurando um novo passivo. O secretário Marcos Felipi liberou a doação de lenha para pessoa física ou pessoa jurídica, mas ninguém vai levar esse material desse tamanho. Nós não temos equipamento para fracionar isso, para talvez fazer em bolachas, que é uma coisa que a população de certa forma procura e seria mais manejável. Nós não temos mão de obra, não temos equipamento para isso. Então, o que nos cabe, o que nós temos procurado fazer é manejar o material menos grosseiro, menos volumoso, os galhos, as folhas, às vezes, algum tronco com a espessura menor, organizar a doação desse material para população – a população vai até a unidade de compostagem para retirar – e o que é possível picar, nós picamos e armazenamos. Já solicitamos que o diretor do DMLU cogite a possibilidade de doar também esse material picado. Eu imagino que isso esteja na pauta dele, e o restante desse material picado, nós seguimos compostando, fazendo compostagem de material arbóreo. Mas, como é um material muito lenhoso, muito seco... a compostagem depende muito de um equilíbrio entre átomos de carbono e átomos de nitrogênio para degradar, e o material de poda é muito rico em carbono e muito pobre em nitrogênio. Por isso a compostagem se arrasta por meses e meses, tirando espaço da unidade dos patamares, da unidade de compostagem, um espaço que poderia ser desocupado com mais rapidez se o material ficasse pronto mais rápido. Mas eu entendo que essa é uma dificuldade inerente ao material e não vejo, num futuro próximo, uma possibilidade de solucionar isso. Atendendo à legislação ambiental, não vejo como nós poderemos aportar esse nitrogênio que falta para que o material composte mais rapidamente. Então, nós temos esse gargalo no espaço dos

patamares e também no volume do material que nós recebemos. Em algumas ocasiões, o nosso espaço para esse material mais volumoso está acabando, nós não temos mais onde armazenar. Eu imagino que, daqui a um tempo, esse material maior vai para o transbordo. Essa é a minha suposição. Ainda não existe nenhuma orientação oficial, mas nós não temos mais onde armazenar.

PRESIDENTE LOURDES SPRENGER (MDB): Só diz o nome para ficar gravado em ata.

SRA. VERÔNICA RIFFEL: Sou a Verônica. Para complementar a colega, no plantio, a gente tem também o uso desse resíduo – a gente vem falando por e-mail, é um prazer pessoalmente hoje. Então, no plantio, a gente faz ao redor de cada muda o que chamamos de *mulching*, que é uma cama com esse picado que vai manter a umidade, as formigas longe, o inço longe. Temos essa parceria, vamos usar bastante esse volume, então também já tem esse ciclo: suprimimos a árvore, tem o serviço do DMLU para picar e ele vai voltar para as mudas. Já estamos em coordenação com a Márcia, para usarmos esse picado. Vocês vão ver que parece um ninho de formiga gigante; com o picado, ele mantém a umidade, não cria o inço, e a gente já consegue usar esse resíduo – que não é resíduo –, uma coisa boa para as novas mudas. Então, fechamos essa cadeia do que sobra dessas podas. Claro que não em tanto volume, mas a gente pretende, agora com os plantios começando, usar bastante esse material. Obrigada.

SRA. MÁRCIA ORANTAS: Alguns produtores da zona rural de Porto Alegre, produtores orgânicos manifestaram interesse em adquirir ou receber doação desse material picado, o que para nós seria muito interessante, porque, embora eu não consiga picar 100% do que eu recebo, eu consigo picar boa parte e movimentar esse material rapidamente. Então, ele não fica parado esperando que ocorra a compostagem, ele é picado e enviado para quem o deseja. Eu

entendo que é mais uma via de disposição desse resíduo que, infelizmente, foi gerado pelo temporal.

PRESIDENTE LOURDES SPRENGER (MDB): O DMLU falou. Aproveitando, eu vou convidar a Vigilância Sanitária, porque esses focos que a gente presenciou que as pessoas aproveitaram e começaram também a jogar lixo, e já dar uma pincelada na questão que nós temos da dengue, o que está sendo feito de maneira preventiva. Quem está aí da Vigilância? É o Cássio.

SR. CASSIO RABUSKE DA SILVA: Bom dia a todos, sou o Cássio, sou biólogo da diretoria de Vigilância e Saúde da Secretaria Municipal de Saúde. Bom, no que tange à saúde pública é o problema do lixo associado a essa galharia. A princípio, até agradeço a oportunidade de esclarecer à população que, para efeitos da dengue, do *Aedes aegypti*, não seria um problema a galharia em si; problema é o acúmulo de água, são os portes, os reservatórios, como tem sido bastante propagandeado na televisão e também nos canais da Prefeitura atualmente. O problema é esse lixo associado que acaba sendo, vamos dizer assim, posto pela própria população e que acaba ficando armazenado em meio a essa galharia. Então no que nos tange a esse problema, nós não temos recebido muita denúncia na Vigilância em Saúde em relação ao tema. Nós temos trabalhado de maneira transversal com o DMLU no sentido do recolhimento desse lixo, sempre que há uma denúncia envolvendo o lixo acumulado. E o que eu tenho observado, trabalhando na Vigilância, é esse o problema do lixo que acabe se acumulando em meio à galharia e que acaba acumulando água e acaba sendo foco de proliferação do mosquito. Então, para efeitos de saúde pública esse é o problema relativo. Então esclarecer para a população que a gente tem recebido sim muitas denúncias envolvendo o que a população atribui à vegetação ser um foco de mosquito da dengue. Então há necessidade de poda em praças, porque atribuem a essa vegetação a reprodução do *Aedes aegypti*. Então é muito importante ressaltar que esse não é o problema. O *Aedes aegypti* está dentro da casa das pessoas, se produz no peridomicílio. Então a princípio

as árvores não são problema para isso, o problema é a reprodução de outras espécies de mosquito como o *Culex*, esses mosquitos que se incomodam à noite, lembrando que o *Aedes* ataca de dia. Então esse é o problema. E para esclarecer à população que isso, sim, a gente recebe muitas denúncias envolvendo o que se atribui à reprodução de mosquito em áreas verdes. Então esse não é o problema, a gente até acaba tendo que passar algumas demandas para a SMAMUS, via SEI, porque não nos tange, que é questão de pedidos de poda mesmo. Mas para efeito de saúde pública, era isso muito.

PRESIDENTE LOURDES SPRENGER (MDB): Muito bem. Está aqui também, representando a Secretaria de Segurança, o Abel Flores. Quer usar a palavra? Está à disposição.

SR. ABEL FLORES DA SILVA: Primeiramente, bom dia, senhoras vereadoras, senhores vereadores, demais presentes, me chamo Abel Flores da Silva, estou desde janeiro de 2024 trabalhando junto ao gabinete do secretário adjunto da Segurança, o Sr. Gelson Luiz Guarda, e sou servidor da Prefeitura, na Segurança pública, há 14 anos. Respeitando os limites do que foi proposto pela reunião, de ser uma reunião informativa, enfim, e poupando os presentes de tudo o que já foi dito a respeito do temporal de janeiro, que foi de grandes proporções, e todos nós observamos os reflexos que ele impôs a todos nós, vou me limitar aqui a dizer o que foi realizado a pedido do gabinete da Secretaria de Segurança, através de uma demanda do Gabinete do Prefeito. Foi-nos pedido que fossem mobilizadas algumas equipes já no dia posterior ao temporal, para que nós pudéssemos desobstruir alguns pontos onde já se sabia que havia alguns vegetais tombados ou semitombados, que estavam obstruindo vias e calçadas. Então nós reunimos uma equipe de em torno de 15 pessoas, incluindo alguns bombeiros voluntários. Eu fiz parte dessa equipe também nos dias que se seguiram ao temporal, conseguimos alguns equipamentos, algumas motosserras e fomos a campo para tentar remover e desobstruir algumas vias. Conseguimos, tivemos êxito em desobstruir alguns pontos lá na Zona Sul e

tivemos um ponto na Secretaria Municipal de Saúde também, onde havia um vegetal que estava encostado sob a parede do prédio, e ali, naquele momento, foi feita uma análise ali junto com o pessoal da diretoria da Saúde ali e o secretário, visando preservar a segurança das pessoas que estavam transitando ali naquele local. Era uma árvore, eu não sei medir, não tenho condições técnicas para medir, mas acredito que seja uma árvore de médio porte, e a árvore foi removida ali visando preservar a segurança das pessoas. A Secretaria Municipal de Segurança, através da Guarda Municipal, está presente 24 horas por dia na cidade, atuando nas praças e nos parques. Nós observamos também, auxiliamos as demais secretarias responsáveis, através das demandas que os cidadãos nos fazem diretamente durante as rondas das patrulhas da Guarda Municipal e também pela observação dos próprios agentes que, ao patrulharem os parques e praças, eventualmente observam algum vegetal que possa estar... Claro que obviamente os guardas não têm condição técnica de avaliar se um vegetal está em condições, ou não, mas, nesses casos, onde é visível, onde a gente percebe pelo senso comum que a árvore pode cair, pode representar algum risco, a gente sempre encaminha via Centro Integrado de Comando, o Ceic POA. Essas ações práticas que nós tomamos a fim de auxiliar a cidade nesses dias que se passaram ao temporal, a Secretaria Municipal de Segurança, sempre que é chamada para qualquer natureza de demanda, mesmo que, às vezes, não da atividade-fim da secretaria, a gente tenta mobilizar as equipes para contribuir da forma que nós conseguimos. Da nossa parte, seria isso, eu acho.

PRESIDENTE LOURDES SPRENGER (MDB): Como diz, a reunião é informativa, é bom a gente saber que também podemos recorrer à Guarda Municipal. A EPTC também teve um trabalho bem importante no trânsito. Quer usar a palavra para nos informar algo sobre o que aconteceu, e também no dia a dia?

SR. VINICIUS FACHIN ROSS: Bom dia, bom dia a todos, eu sou o Vinícius, sou responsável pelo Central de Controle e Monitoramento da Mobilidade, da EPTC.

Estou junto com o colega Alberto, da assessoria comunitária, represento aqui o diretor Pedro Bisch. A EPTC faz parte da Copae, não sei se todos conhecem a Copai aqui. A Copae é uma comissão permanente com atuação em emergências, ela é composta por várias secretarias da Prefeitura e do Estado, com bombeiros, Cemaden, serviço geológico do Brasil. Normalmente, a gente tem um trabalho preventivo, quando tem algum aviso, algum alerta, depois tem um trabalho reativo. Como todo mundo falou aqui, vegetal, via pública, então, sempre tem impacto na mobilidade. No temporal de 16, eu estava trabalhando na área central, como o Tiago falou, peguei essa parte do Menino Deus aqui, Azenha, Centro Histórico. Nesse temporal, eu estava de férias, mas acompanhei, estava fora do Estado. A gente tem um trabalho preventivo, que é aquele que sempre que o agente, como ele está em todo local praticamente do Município, sempre que ele identifica algum vegetal, alguma coisa, a gente repassa para a Secretaria de Serviços Urbanos através do 156. Tem o papel também preventivo pós-temporal, que apoiando as equipes do DMLU, da SMSUrb, da CEEE Equatorial para remoção e supressão desses vegetais. Quando acontece temporal, a gente tem um papel mais reativo, e o nosso foco é na segurança viária. A gente procura sinalizar as vias, procura fazer desvios, procura interditar, se tem algum risco, então, esse é o papel da EPTC nessa atuação em eventos climáticos. No evento climático agora de janeiro, a gente teve 243 vias interditadas por vegetais. Teve um impacto significativo no deslocamento das pessoas na cidade. Tivemos problema também em relação a linhas de ônibus, então realmente afetou bastante o dia a dia da cidade. Tivemos também bastante problema em relação à CEEE, semáforos, tivemos quase 300 semáforos fora de operação por falta de energia e que permaneceram assim dois, três dias, quatro dias. Teve semáforos que ficaram uma semana. Normalmente, a média que acontece quando dá alguma queda de energia, o retorno é de um dia, mas, nesse temporal, se prolongou por mais tempo. Ali no centro de controle, gente consegue ter uma boa visibilidade do que está acontecendo na cidade, a gente trabalha integrado junto com a Guarda Municipal, com a SMSUrb, com o DMLU.

A gente tem canais de comunicação diretos com esses órgãos, para tentar agilizar a resposta à população. Seria isso, muito obrigado.

PRESIDENTE LOURDES SPRENGER (MDB): Muito obrigada. Também está aqui, representando a Secretaria Estadual do Meio Ambiente, o Sr. Francisco Andreazza Soares. A sua manifestação, por favor.

SR. FRANCISCO ANDREAZZA SOARES: Bom dia, eu venho representando a Sema/RS, em nome do departamento de energia, eu sou engenheiro eletricista. Eu não tenho muitos conhecimentos técnicos na parte de plantio, na parte de plantio de árvores. A gente vem mais aqui em função da questão da CEEE Equatorial, da RGE. A gente vem fazendo um trabalho lá na secretaria com as distribuidoras. A gente tem grupos de trabalho que a gente faz com periodicidade mensal, quinzenal com eles, tratando sempre do que a gente pode auxiliar, seja na questão das redes, seja na questão das podas que têm que ser feitas. Outro trabalho também que a gente faz lá é nas unidades de conservação. Todas as unidades de conservação, a gente procura fazer a linha, as redes subterrâneas, para tentar diminuir, minimizar as questões, vamos dizer assim, de falta de energia, de algum tipo de problema nesse sentido, mesmo com árvores que possam vir a atrapalhar a continuidade e a segurança do fornecimento, do abastecimento de energia. Então penso eu, agora dia 22, está para ser assinado o termo de cooperação entre a CEEE e a secretaria municipal também, referente a termo de cooperação, estabelecendo ali as competências de cada um dos órgãos. Então acredito que seja isso, agora dia 22, sendo assinado isso ali, eu acho que vai ficar uma coisa mais clara. O que ocorreu também dias atrás foi, como a gente diz, se caracteriza, foi uma coisa extrema. Também acredito que está todo mundo focado, todo mundo empenhado em fazer o seu melhor, em tentar atender o serviço da forma mais rápida, só que claro que tem as dimensões, e tem que haver um bom senso nisso. Por mais que as empresas tenham, vamos dizer assim, uma equipe qualificada, equipe técnica, tem um tempo para a correção, de qualquer tipo de coisa, principalmente como isso. E

claro, como até o engenheiro também comentou ali, a questão talvez de priorizar algumas redes, que nem a própria rede de abastecimento de água, questão de hospitais, que são coisas muito importantes, eu acho que devam ser tomadas medidas preventivas, porque, no caos, é bastante complicado para todos. Acredito que, referente à secretaria do meio ambiente, seja isso, essas frentes aí que nós estamos trabalhando.

PRESIDENTE LOURDES SPRENGER (MDB): Muito obrigada, estamos aqui com nosso procurador, representando o procurador-geral do Município, o Dr. Eduardo Garcez, que representa também o prefeito.

SR. EDUARDO GARCEZ: Bom dia a todos; bom dia aos presentes, à audiência; a respeito da organização administrativa dos atos materiais que se fazem necessários em eventos dessa natureza, a PGM não tem nenhuma ingerência, fica a cargo do Executivo. Em respeito à definição e ao trabalho conjunto, às competências, até onde vão os trabalhos do Município e ao que a gente espera da CEEE, dessa atuação frente às podas, nós estamos em tratativas mediadas pela MP. As tratativas já avançaram muito, muito, e estamos agora em vias de assinar um termo de cooperação, em que vamos estabelecer condutas básicas da CEEE, entre elas também, do Município e um trabalho conjunto em que a gente procura ter uma melhor divulgação dos trabalhos feitos, uma melhor informação da população do que é feito, uma prévia de um calendário do que será feito. A boa notícia é que já esteve longe de se resolver e agora estamos em vias de chegar a um bom termo e a uma assinatura final.

PRESIDENTE LOURDES SPRENGER (MDB): Tem mais alguém participando que gostaria de fazer algum comentário, questionamento? (Pausa.) Então, passo a palavra às vereadoras. A Ver.^a Mônica está com a palavra.

VEREADORA MÔNICA LEAL (PP): Bom dia, presidente, colegas, nossos convidados e as pessoas todas que estão aqui acompanhando e assistindo;

bom, eu quero dizer aqui, como jornalista que é minha origem, que, com este tema, daria para fazer um seminário. Não se esgota aqui, ele é enorme, e eu rapidamente já tinha me debruçado sobre ele, mas eu tenho aqui mais ou menos sete páginas de tudo que eu pesquisei sobre essa questão das árvores. Não daria para falar em tão pouco tempo, mas algo que me preocupe e não é de hoje é sobre as árvores doentes que nós sabemos que existem em Porto Alegre. Como encaminhamento, qual alternativa: elas vão ser retiradas vai haver um tratamento? Porque nós sabemos que, andando na cidade, a gente vê isso, o senhor que acompanha essa situação, já esteve na secretaria do meio ambiente, existe um parasita na árvore que – tem um nome até que agora me fugiu, é erva-de-passarinho – vai deixando oca a árvore. Não é minha área, não sou engenheira, mas pelo que eu pude constatar... E como é que isso vai ficar? Muito bem, passou, foi o maior temporal, de 16 de janeiro, tudo que a gente sabe aqui, ele é considerado. Três mil árvores foram ao chão, mais de 5 mil pedidos de atendimento, 2 mil toneladas de resíduos foram recolhidos. Nós temos o problema da CEEE Equatorial, que diz que não é com ela, mas aquilo que está energizado é com ela. Então, é uma novela mexicana, nós sabemos disso. Nós aqui, os vereadores, nós atendemos inúmeros pedidos, inclusive, a gente era cobrado na rua. Quase que havia um enfrentamento, não foi uma coisa fácil para todos nós. Eu queria saber qual é o encaminhamento que vão dar para essa questão. Qual é a alternativa: tratamento ou retirada das árvores que estão conhecidamente doentes em Porto Alegre? Fica essa minha pergunta. Obrigada, Presidente.

PRESIDENTE LOURDES SPRENGER (MDB): A Ver.^a Psicóloga Tanise está com a palavra.

VEREADORA PSICÓLOGA TANISE SABINO (PTB): Bom-dia a todos. Quero cumprimentar a Presidente, colegas vereadores, convidados dessa reunião, público que nos assiste e dizer que, como vereadora, uma das demandas que nós recebemos no nosso gabinete é a questão da poda de árvore. Pelo gabinete,

eu construí um sistema *online*, um sistema de gerenciamento de demandas. Então eu consigo ver direitinho o percentual das minhas demandas, se é na área da saúde ou saúde mental, se é de poda, se é de praça, enfim, a gente consegue gerenciar os tipos de demandas. Um pedido que vem bastante é de poda, e, sempre que vem um pedido de poda, a gente se preocupa porque é uma dificuldade.

Quero só relatar um último caso. Eu recebi de uma escola de educação infantil, uma escola comunitária de, em torno de 110 alunos, uma árvore gigantesca que estava em cima da escola praticamente, e qualquer ventinho, vendaval iria cair, e as SMAMUS não queria fazer a poda. Foi muito difícil, e o encaminhamento que eu fiz foi: bom, a SMAMUS se compromete, a Prefeitura se compromete, por que é melhor salvar uma árvore do que salvar vidas, não é? Se 110 crianças se machucarem ou morrerem... Mas, no fim, a gente conseguiu remover a árvore, deu tudo certo. Mas a dificuldade que é, parece que a preocupação é melhor manter árvores do que manter vidas. Então, nesse sentido, eu quero te parabenizar pela pauta Ver.^a Lourdes. Eu acho que é bem importante e eu vejo que, sempre que tem algum vendaval, alguma coisa, a gente fala sobre isso, mas, na verdade, o debate deve ser permanente sobre essa questão da poda de árvores. Obrigada.

PRESIDENTE LOURDES SPRENGER (MDB): Bem, eu acho que, eu acho não, tenho certeza de que a nossa reunião aproximou também informações. Para nós, vereadores, nos deu uma visão desde a Guarda Municipal, desde a EPTC, de tudo o que aconteceu, todas as ações. Mas é um tema que é recorrente principalmente o atendimento às podas. Então, para não ser uma reunião tão pesada, foi muito bem esplanada a informação do procurador. Ficamos satisfeitos em saber que vai ter um TAC finalmente com a Equatorial para ela assumir porque, no tempo da CEEE, eles faziam rastreamento nas redes para fazer as podas, isso no tempo em que a CEEE estava bem, numa produção bem eficiente.

Nessa Rua Antônio Tessera, no bairro Tristeza, tinha cinco árvores, e a pessoa me pedindo: “Tem que tirar essas árvores, elas estão podres, vão cair”. E o laudo foi de que as árvores estavam bem. Veio o temporal, e as cinco foram abaixo, então, virou satisfação para os moradores. Mas eu fiquei frustrada porque disse: olha, eu estou com laudo; não, elas estão bem. Isso acontece, claro que pode ter outros fatores, a raiz que não estava bem, com bastante alargamento para segurar a árvore. Mas eu tenho essa preocupação, sim, com as árvores gigantes, são árvores centenárias, como é o caso dessa demanda que tem lá nessa rua, de que a árvore está inclinada, e tu não consegues passar com caminhão mais alto, porque já foi tirado o galho debaixo, mas o outro veio descendo. Ela é imensa, é uma pena, ela dá sombra, forma um pouco do túnel verde. Eu acho que é uma árvore que vai comprometer a rua que tem um condomínio de 14 casas mais toda aquela rua, quando ela cair.

Eu entendi bem a explicação, toda essa demora dos galhos, engenheiro. Eu entendi porque eu convivi com isso, vi de perto essa árvore ali ao lado do Hospital Mãe de Deus. Linda, enorme, quando ela caiu, levantou o toco e o enraizamento, e as raízes já foram podadas ao longo dos anos. Eram uns tocos de raiz cortados, cicatrizados, em função do alargamento da rua, das calçadas; tem todo esse problema. Mas o que a Ver^a. Mônica Leal Mônica deixou de encaminhamento, e nós vamos deixar registrado na Comissão, é que realmente tem árvores comprometidas, está saindo um laudo do Centro. Eu acredito que nesse laudo já é citada a árvore comprometida, e isso é um primeiro passo, mas não temos mão de obra para tudo. A cidade está com muitas árvores porque essa era a característica, as pessoas plantavam o que achavam bonito. Tem uma praça perto da minha casa em que as árvores subiram, subiram; cada vizinho plantou, naquele recanto, uma árvore. Hoje elas são gigantes, eu moro ali há quase 40 anos, e eu só fico olhando, são lindas as árvores, mas, na hora em que tombarem, claro que eu vou ser prejudicada.

A reunião foi muito positiva, com informações, e eram essas noções de que nós precisávamos. As pessoas que estão nos assistindo, é via 156, é dirigido para as respectivas áreas. Nós esperamos ter outras reuniões com esses

encaminhamentos como TAC da Equatorial, como essa parte que você falou desse novo sistema de implantação para ver os pontos que já foram atingidos. Eu agradeço a todos. Nada mais havendo a tratar, encerro os trabalhos da presente reunião.

(Encerra-se a reunião às 11h31min.)

TEXTO SEM REVISÃO